

ESPECIAL ALAGADOS

PMS / EMLE
BIBLIOTECA

Journal: A TARDE

Data: 29/08/2015

Caderno: ESP. ALAGADOS 4 e 5

Assunto: BAIRRO

Novos Alagados

INFORME PUBLICITÁRIO

OBRAS DO GOVERNO DO ESTADO TRANSFORMAM A VIDA DOS MORADORES DE ALAGADOS

JOÁ SOUZA/ AG. A TARDE



RAUL GONNELLI/ GOVBA



MANU DIAS/ GOVBA



72 unidades habitacionais foram entregues a moradores da Baixa do Petróleo. Além disso, a área ganhou obras de urbanização que incluem a construção de via de borda para melhorar o acesso a diferentes localidades do bairro

Os investimentos em obras de melhoria habitacional e de urbanização têm marcado a atuação do Governo do Estado em Alagados. Entre as intervenções mais recentes estão a construção, em caráter emergencial, de 72 unidades habitacionais para famílias da localidade conhecida como Baixa do Petróleo, que perderam suas moradias depois do incêndio ocorrido em janeiro deste ano. Outra ação importante é o trabalho de regularização fundiária promovido na região em parceria com o Governo Federal. A proposta de todas essas ações é acabar de vez de com o cenário das palafitas.

Os imóveis para as vítimas do incêndio foram construídos no âmbito do programa Moradia Digna, através de um investimento de R\$ 8,69 milhões, sob a coordenação da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), órgão vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Urbano

qualidades do bairro. Todas as famílias beneficiadas são de baixa renda, motivo pelo qual os moradores não vão arcar com o custo das unidades habitacionais. Com 42 m², os apartamentos têm sala, banheiro, dois quartos e cozinha.

A execução da obra foi caracterizada como emergencial, devido ao incêndio que destruiu as moradias. As famílias foram cadastradas pela CONDER. Enquanto os imóveis estavam sendo construídos, elas puderam contar com o chamado Aluguel Social, dividido entre o Estado e a prefeitura municipal para a locação de moradias.

DIGNIDADE - As 100 unidades habitacionais em obras fazem parte de um total de 164 a serem construídas em Alagados IV e V. Outras 132 unidades já foram entregues na área de Mangueira III, com recursos de R\$ 11,7 milhões, do Fundo Estadual de

72

unidades habitacionais para famílias da localidade Baixa do Petróleo.

730 famílias

na região de Alagados receberam títulos de regularização fundiária.

ma o diretor de Habitação e Urbanização Integrada da CONDER, Deusdete Fagundes. De acordo com o diretor, para evitar a construção de novas palafitas, juntamente com as obras, está sendo implantada uma pista de borda costeando o mar e interligando as diferentes localidades do bairro.

REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA - Para garantir a plena segurança na propriedade de seus imóveis, o Governo do Estado emitiu, em março deste ano, títulos de regularização fundiária para mais de 730 famílias da região de Alagados.

As famílias beneficiadas vivem nas localidades de Massaranduba, Joanes, Mangueira, Uruguai e Novos Alagados. A regularização fundiária do bairro de Alagados é resultado de parceria entre o Governo do Estado e o Governo Federal, por meio da Superintendência do Patrimônio da União. As áreas

mento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), órgão vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Estado (SEDUR). As novas moradias, compostas por 18 blocos de apartamentos, com quatro unidades cada, foram edificadas a poucos metros do local onde existiam as palafitas.

Dotada de infraestrutura básica, como redes de água e esgotamento sanitário, energia elétrica, além de drenagem pluvial, a área ganhou também obras de urbanização que incluem a construção de via de borda para melhorar o acesso a diferentes lo-

cas já foram entregues na área de Mangueira III, com recursos de R\$ 11,7 milhões, do Fundo Estadual de Combate à Pobreza. Nesse último local também foram executadas intervenções de urbanização e infraestrutura, a exemplo de pavimentação, de drenagem de águas pluviais e de esgotamento sanitário.

"O Governo do Estado está promovendo uma profunda transformação em Alagados. A grande marca será o fim das palafitas e a garantia de moradias dignas para a população daquele bairro", afir-

O documento de posse do imóvel possibilita a transferência desse legado patrimonial para seus descendentes.

verno do Estado e o Governo Federal, por meio da Superintendência do Patrimônio da União. As áreas foram transferidas para a Coordenação de Regulação Fundiária da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER).

Entre as vantagens decorrentes do documento de posse de seus imóveis está a possibilidade de passar o legado para seus descendentes e poder contrair junto a instituições financeiras um empréstimo para a melhoria da casa. Outros títulos deverão ser concedidos ao longo dos próximos meses.

"Estou adorando viver aqui. É tudo novinho, parecendo uma casa de boneca"

Tânia Maria de Jesus, 60



ERIK SALLES/ AG. A TARDE

"Estou adorando viver aqui. É tudo novinho, parecendo uma casa de boneca", brinca Tânia Maria de Jesus, 60, ao falar da casa que agora acolhe ela e o filho Divanilton, 32. Com a mobilidade reduzida, em razão de uma lesão no joelho esquerdo, sua nova morada veio para dar adeus aos anos em que precisava ser carregada até o carro que a aguardava para as revisões mensais. Além de longo, o trecho era arriscado, visto que Tânia era levada em uma maca sobre as pontes que separavam sua palafita da rua principal.

"Eu segurei uma barra danada, viu? Não é todo mundo que aguenta isso, não", diz.

Aliás, se dificuldade fosse empecilho na vida dessa senhora que diz não se abater diante dos problemas da vida, hoje ela não bateria no peito com orgulho pelo fato de ter criado cinco filhos praticamente sozinha. "Sou viúva há 36 anos. Criei e eduquei todos meus filhos aos trancos e barrancos. Tem mãe que, em uma situação como esta, abandona os filhos", orgulha-se Tânia.

Durante a conversa, uma prova de reciprocidade por tal dedicação. O telefone toca. Ela pede licença para atender. Troca algumas palavras com a pessoa do outro lado da linha e arremata: "É meu outro filho, para saber como eu estou. É o tempo todo assim".

Desde que pegou as chaves da residência que agora desfruta, Tânia segue uma rotina de dona de casa e a exerce com prazer antes mesmo de o dia raiar. "Acordo 3h e tomo um menorzinho. Depois, tomo banho, limpo a casa e arrumo a mesa para o café. Em seguida, vou fazer o almoço, colocar arroz e feijão no fogão. Adoro cozinhar, não vou mentir", conta.

À tarde, vem o descanso. À noite, Tânia não perde as novelas. "Gosto de ficar assistindo no meu quarto. Lá é onde reflito, mexo no guarda-roupa, ajeito uma coisa aqui, outra ali", diz.

Grata pelas intervenções lá realizadas e pela

atenção dada aos moradores desde o dia da tragédia, Tânia faz questão de falar que há tempos não havia um olhar direcionado à população de Alagados. "Nunca teve quem olhasse para a gente. Vivi 28 anos nessas palafitas e só ouvimos promessas".

"Em primeiro lugar, agradeço a Deus por todas estas mudanças e a atenção e o auxílio que nos foi dados desde o dia da tragédia", repete ela.

PELA TELEVISÃO - Na madrugada do dia 14 de janeiro, data que a comunidade da Baixa do Petróleo faz questão de esquecer, Tânia diz que estava na ilha, já há oito dias, na companhia de um dos filhos que aproveitava as férias do outro lado da Baía de Todos-os-Santos.

Ao ligar a TV para assistir a um jornal que passava por volta da meia-noite, ela foi pega de surpresa com as imagens do fogo que dizimou todas as moradias da antiga área em que habitava.

"A gente ligou a televisão e viu o fogaréu. Logo depois, o telefone tocou. Era meu filho que estava só aqui, avisando que eu precisava voltar. Foi só o tempo de me arrumar e pegar o *ferry boat*", recorda.

Do pouco que conseguiu recuperar sobram alguns eletrodomésticos, como televisão e geladeira. Segundo Tânia, os documentos só não foram queimados porque estavam em sua bolsa.

Apesar de sua palafita não ter sido totalmente consumida pelas chamas, o local foi condenado, pois a quentura dos imóveis atingidos comprometeu toda a estrutura. "Meu tanquinho de lavar, que até hoje não consegui comprar, foi no meio. Não aguento mais lavar no braço", diz. Para ela, porém, o pior já passou. "Hoje, estou feliz, vivo melhor, deito aqui no meu sofá e fico tranquila".



EDISON LIMA/ AG. A TARDE

ESPECIAL ALAGADOS



INFORME PUBLICITÁRIO

"O destino provou que não era para a gente morar nas palafitas"

Joselita de Jesus dos Santos, 35

Da janela da casa onde cada cômodo ainda é novidade, Joselita de Jesus dos Santos, 35, sorri, embora ainda enxergue um passado em tom acinzentado. O cenário observado é parte do que sobrou da vegetação lambida pelo fogo, que levou pela frente as dezenas de palafitas que ali pareciam flutuar.

Dizendo-se abençoada, porém, ela prefere enterrar de uma vez por todas as cenas que presenciou na fatídica madrugada de 14 de janeiro deste ano. "Depois de tudo o que aconteceu, isto aqui foi uma bênção. Para mim, o que vale agora é pensar a vida daqui para frente", sorri Joselita.

Na nova residência, ela divide espaço com os filhos Joseane, 12, e Humberto, 15. Mãe solteira, se vira como pode para não faltar comida na mesa.

Dona de casa dedicada, Joselita se define como uma dessas pessoas com mania de limpeza. "Toda hora estou limpando alguma coisa. Varro o chão, passo pano na casa e limpo até algum risco na parede. Tenho prazer de conservar

e de arrumar o tempo todo. Faço questão de zelar pela casa para que esteja sempre limpa", justifica.

Apesar de não caber em si de tanta felicidade, Joselita conta que não "botava fé" quando ouviu a promessa de que as unidades habitacionais seriam todas construídas em um prazo de seis meses. Ao se referir às condições da antiga moradia, afirma que o espaço em que vive atualmente em nada lembra a época em que se arriscava sobre o emaranhado de tábuas improvisadas. "Quando olho para esta casa, parece que estou vivendo um sonho. Dá gosto de ver tudo lindo, tudo com porta, janela. A sensação é maravilhosa".

Para Joseane, a filha, após o período em que ficaram na companhia de parentes, a melhor coisa na volta para Alagados foi o reencontro com os amigos. "Muito legal rever as amizades que fiz quando morava na maré. A gente brinca de baleado, amassa-tomate e de pular corda".



ERIK SALLES/ AG. A TARDE

DESESPERO E CORRE-CORRE - "Eu tinha acabado de acordar com os gritos. Aí já dá para imaginar, né? Foi todo mundo desesperado, aquele corre-corre, mas não deu para eu salvar praticamente nada. Só que o mais importante, graças a Deus, foi que conseguimos salvar nossas vidas", relata Joselita acerca do dia do incêndio.

Em sua opinião, além da maré baixa, a fumaça também atrapalhou no momento em que ela e os vizinhos tentavam salvar os pertences. "Teve uma hora que foi impossível respirar aquele ar poluído, com cheiro de madeira queimada".

Alguns anos atrás, ameaças de que a área das palafitas seria aterrada também chegaram a tirar seu sono. Hoje, depois do susto que passou, ela prefere acreditar que tudo isso "foi um mal que veio para o bem". "O destino provou que não era para a gente morar nas palafitas", conclui Joselita.

"Depois de tudo o que aconteceu, isto aqui foi uma bênção. Para mim, o que vale agora é pensar a vida daqui para frente"

GOVERNO ATUA PARA ZERAR DEFICIT DE MORADIAS EM ALAGADOS



Além dos projetos já concluídos, o Governo do Estado tem outros projetos em andamento ou para início de execução. O destaque é a edificação de mais imóveis em áreas como Alagados IV, V e VI. Após a finalização de todos os projetos, o bairro passará a contar com um total de 764 novas unidades habitacionais. Desse total, 204 já foram entregues e outras 100 estão com obras em andamento. Outra ação importante é a implantação e a urbanização de 10 km de via de borda em toda a área.

Segundo o diretor de Habitação e Urbanização Integrada da CONDER, Deusdete Fagundes, a implantação e a urbanização da via de borda têm como objetivo não só facilitar a mobilidade urbana no Subúrbio Ferroviário como também evitar a reocupação da área por palafitas. O projeto prevê a construção de uma via com 10 km de extensão entre os bairros de Plataforma e Ribeira. No momento, com um investimento de R\$ 17 milhões, está sendo realizada, na Enseada do Cabrito, na região de Plataforma, a implantação de 2,4 km da via.

Já as 100 unidades habitacionais em construção fazem parte de um total de 164 que o Governo está instalando em Alagados IV e V. O investimento na execução dos imóveis e urbanização da área é de, aproximadamente, R\$ 12 milhões. Cada um dos apartamentos contará com dois quartos, banheiro, sala, cozinha e área de serviço. Os demais imóveis devem ser entregues em junho do próximo ano.

De acordo com Fagundes, um levantamento realizado em 2013, em Alagados, registrou um déficit de 750 unidades habitacionais. O Governo do Estado quer zerar esse número até 2017. "Nossa missão é garantir moradias dignas àque-

"Nossa missão é garantir moradias dignas àquela população e acabar com as condições subumanas de habitação e de vida do lugar, criando um novo Alagados"

Deusdete Fagundes,
diretor de Habitação e Urbanização Integrada da CONDER

la população e acabar com as condições subumanas de habitação e de vida do lugar, criando um novo Alagados".

Um novo projeto, também situado nas localidades de Alagados IV e V, vai garantir habitação para mais 177 famílias, utilizando recursos do PAC II. O modelo segue o padrão dos imóveis já entregues e em construção. O investimento na obra gira em torno R\$ 14 milhões e a previsão para o seu início é outubro deste ano. Os imóveis serão entregues, gratuitamente, para famílias já cadastradas na CONDER, órgão vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Urbano e responsável pela execução das obras.



Espaços para lazer e esportes

A criação de espaços para a prática de esportes e lazer também faz parte das intervenções do Governo do Estado em Alagados. A ideia é que, ao longo dos 10 km da pista de borda pavimentada, que está sendo construída próximo ao mar, sejam instalados equipamentos como parques infantis, aparelhos para exercícios e uma ciclovia, que seguirá por todo o trajeto.

O projeto prevê, ainda, a implantação de quadras poliesportivas e campos de futebol. Além disso, os projetos das novas unidades habitacionais já contemplam a colocação de um parquinho infantil, bancos de rua e espaço para ginástica, proporcionando melhor qualidade de vida para a população.



Minha Casa, Minha Vida

Está em fase de projeto a construção de mais 219 unidades habitacionais, através do programa de habitação popular *Minha Casa, Minha Vida*, que disponibiliza imóveis com preços subsidiados. A articulação para a captação dos recursos foi realizada pela SEDUR.

Os imóveis do *Minha Casa, Minha Vida* serão erguidos nas proximidades das 72 unidades feitas para os moradores vítimas do incêndio do mês de janeiro. A previsão é que a obra tenha um custo aproximado de R\$ 16 milhões.

O trabalho de regularização fundiária também está avançando na comunidade. Pelo levantamento realizado pela CONDER, foi registrado que cerca de 26 mil famílias de Alagados não contam com um documento que comprove a posse de seus imóveis. Em março, já foram entregues 730 títulos. Mais 400 deverão ser emitidos até o final do ano.

A expectativa agora é pela finalização de um processo de licitação para a contratação da empresa que cuidará da emissão de mais 11 mil títulos. O trabalho envolve a mobilização, identificação, cadastramento e entrega dos títulos já registrados em cartório.

Os critérios para ser beneficiado pelo programa são respaldados pelo Estatuto das Cidades. Um deles é que a área do imóvel não pode ter mais de 250 m². Para ter acesso ao título emitido pelo Estado, o solicitante também não pode ter outro imóvel em seu nome.

ESPECIAL ALAGADOS A TARDE

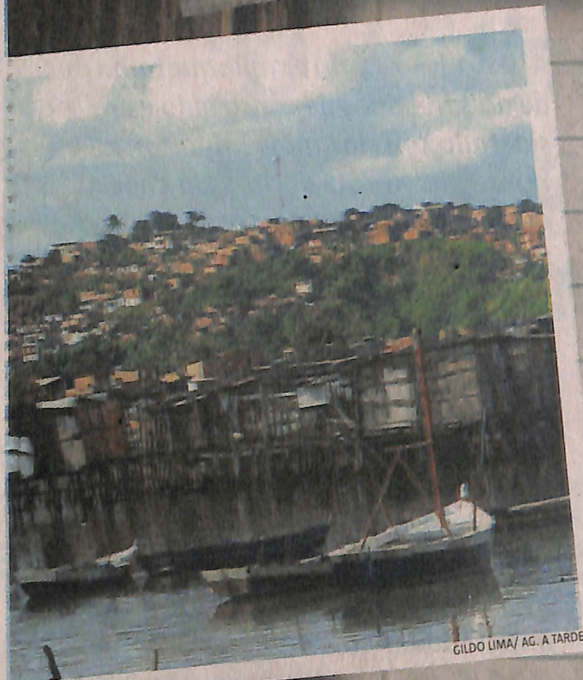
INFORME PUBLICITÁRIO



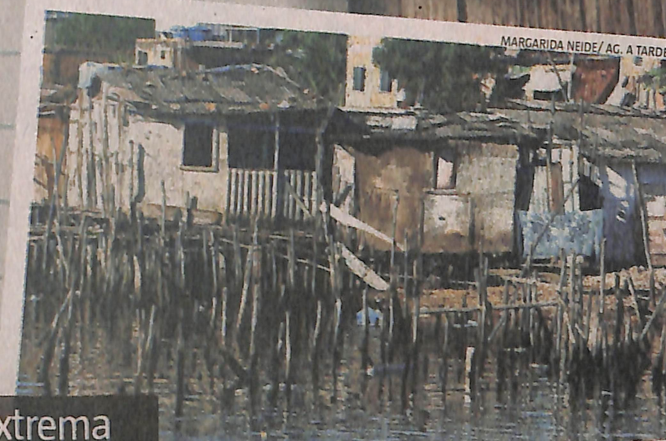
ASSESSORIA DE MEMÓRIA DA OSID/ DIVULGAÇÃO

UMA HISTÓRIA QUE COMEÇA A SER RECONTADA

De barracos erguidos sobre área alagadiça e miséria extrema a moradias dignas. Assim, a história da região de Alagados começa a ser recontada a partir de obras que visam promover mais qualidade de vida para a população que lá vive



GILDO LIMA/ AG. A TARDE



MARGARIDA NEIDE/ AG. A TARDE

MARGARIDA NEIDE/ AG. A TARDE



A região hoje conhecida como Alagados é uma das muitas ocupações da "Favela da Maré" que vêm migrando, ao longo de décadas, para diferentes áreas localizadas entre o bairro do Uruguai e o Subúrbio Ferroviário. As primeiras palafitas começaram a aparecer ainda nos anos 40 do século passado e foi um dos primeiros pontos de atuação da hoje beata Irmã Dulce. As condições subumanas persistiram e, na década de 1980, chamaram a atenção do Papa João Paulo II, que inaugurou no local a Igreja de Nossa Senhora dos Alagados.

Os primeiros moradores da região foram atraídos pela atividade industrial e comercial da Península de Itapagipe. A ocupação se intensificou a partir do final dos anos 1940, quando surgiram as primeiras ocupações sobre os manguezais, ao longo da Enseada dos Tainheiros. Famílias sem condições financeiras para viver em terra firme avançaram sobre a maré. Vale ressaltar que naquela região era lançada parte do lixo da cidade, que servia de aterro e oferecia espaço para novas invasões.

As palafitas erguidas sobre a área alagadiça eram sustentadas por estacas e construídas com compensados de madeira, zinco, plástico, papelão e qualquer outro material que pudesse ser utilizado. Com o tempo, parte dos moradores originais conseguiu erguer suas casas em terra firme, mas

a ocupação no mar continuou. Aos poucos, foram surgindo novas gerações de habitações no local.

O registro das primeiras ações governamentais de promoção de melhorias na área remonta à segunda metade da década de 1960, quando a população da área já se aproximava de 70 mil pessoas. As ações não tiveram grande efetividade, enquanto, cada vez mais, aumentava a população nas palafitas.

Ao longo do tempo, crescia a indignação de quem conhecia a realidade do local. Um dos visitantes mais ilustres foi o Papa João Paulo II, que esteve em Alagados em 1980. As palafitas acabaram inspirando a canção gravada pelo grupo Os Paralamas de Sucesso, que chamava a atenção para as condições inumanas nas quais viviam milhares de pessoas em favelas dentro e fora do Brasil.

Entre os anos de 1973 e 1984, quando a população já passava de 85 mil moradores, foram realizadas novas intervenções na área. A execução das ações ficou sob a responsabilidade da Alagados Melhoramentos S.A. (AMESA), uma empresa de capital misto criada pelo Governo Estadual, que depois viraria HAMESA e seria incorporada pela Urbis, empresa já extinta. O trabalho resultou na erradicação das palafitas, através de aterros e da implementação de in-

fraestrutura, como drenagem, saneamento básico e pavimentação.

Todas as palafitas foram substituídas por casas novas construídas sobre a área aterrada. Porém, em 1986, logo após o fim do projeto, a área do mar voltou a ser ocupada e, já no início dos anos 1990, a região havia se transformado novamente em um enorme assentamento precário de palafitas. Dessa vez, a invasão avançava ainda mais sobre a Baía de Todos-os-Santos, para além da área aterrada, ocupada pelas antigas palafitas.

Outro problema era que enquanto eram realizadas as obras nos Alagados, final dos anos 40, do século XX, surgiu uma nova invasão às margens da Enseada do Cabrito, batizada de Novos Alagados.

Em 2010, poucos barracos resistiam no mangue, mas a região ainda carecia de obras de infraestrutura básica. Em janeiro deste ano, um incêndio destruiu as palafitas que ficavam na região da Massaranduba. Este mês, as vítimas do desastre receberam apartamentos construídos em regime de emergência pelo Governo do Estado.

Mas os desafios ainda são muitos. Hoje, é necessário não apenas garantir o acesso a moradias dignas, mas evitar o surgimento de novas ocupações no mar e promover mais qualidade de vida para a população.

"Agora, temos uma moradia boa. Meus filhos não ficam mais lá na maré, estão longe da sujeira"

Ana Paula dos Santos, 35

Meia-noite de uma quarta-feira. Ana Paula dos Santos Maximiano, 35, dormia na companhia do marido, Jeremias, 33, e dos sete filhos. Cansada de um dia inteiro de labuta, não contava que o silêncio daquela madrugada seria rompido por gritos de socorro. "Está tudo pegando fogo", avisou uma vizinha.

A partir daí, cada segundo foi questão de sobrevivência. "A gente viu o clarão. Só deu tempo de acordar os meninos, tirar o cachorro e chamar as outras pessoas para saírem dos barracos", diz Ana Paula, cuja lembrança ainda permanece intacta ao narrar o incêndio que varreu a sua e outras dezenas de palafitas da comunidade da Baixa do Petróleo, conhecida como Alagados, no bairro de Massaranduba.

Erguidas sobre uma poluída e fétida água escura, as 72 construções de madeira, que resistiam há décadas ali, se transformariam, rapidamente, em cinzas devido às suas estruturas altamente inflamáveis.

"Não deu tempo de tirar nada. Até R\$ 180, que estavam debaixo do colchão para pagar uma pessoa, foram no meio. Não deu para salvar nem o botijão de gás. Foi tudo muito rápido, em questão de 20 minutos. Tinha muita madeira, papelão e plástico", lamenta Ana Paula, moradora da região há 21 anos e

testemunha da multiplicação das moradias irregulares.

Em meio ao desespero, ela conta que os vizinhos tentaram se ajudar mutuamente. Antes mesmo da chegada dos bombeiros; infelizmente, não havia mais o que fazer. A maré, baixa, também atrapalhou. "Se a maré estivesse cheia, teria dado para salvar muita coisa. Mas não tinha água suficiente", lamenta.

Com a roupa do corpo, sem documentos nem um único vestígio do que construíram até ali, Ana Paula, Jeremias e os sete filhos, assim como as demais famílias vítimas daquele triste 14 de janeiro de 2015, receberam um auxílio-moradia até que pudessem recomeçar suas vidas, tudo do zero.

UMA NOVA CHANCE - Cerca de oito meses após o incêndio, Ana Paula faz questão de apagar o passado da memória. E tem motivos para isso, já que o tão sonhado recomeço veio em 3 de agosto último, ao receber a chave de um dos 72 imóveis entregues a igual número de famílias desalojadas durante esse período. Todos os beneficiados são de baixa renda e, por isso, não pagam nada pelas unidades habitacionais.

O investimento previsto nas moradias chegou à casa dos R\$ 8,7 milhões, com obras exe-

cutadas pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER).

Batizado de Conjunto Renascer, as unidades estão divididas em 18 blocos residenciais de dois andares, em 04 quadras, em uma área construída de 42 m².

Satisfeita, Ana Paula comemora a chance de recomeçar a vida no novo lar: "Agora, temos uma moradia boa. Meus filhos não ficam mais lá na maré, estão longe da sujeira, dos ratos. Eu só tenho a agradecer", diz, emocionada.

Da residência, com sala, cozinha, banheiro e dois quartos, ela não vê mais o perigo a que seus filhos se expunham no tempo em que brincavam nas pontes de acesso às antigas palafitas. "Aqui, a área é cercada, longe da pista. Eles também podem brincar no parquinho".

Se chover, não há mais com o que se preocupar. "Lá, no barraco, ficava pingando. Já perdi muita coisa por causa disso. Tinha muito rato. Já pensou você comprar um pão e chegar no outro dia ver só o saco vazio? Aqui não tem nada disso", afirma.

Vizinha de porta, a amiga Ednalva Fortunato, 49, concorda: "Eu não tenho nem como agradecer. Todo dia agradeço a Deus por esta vitória. Foi muita luta, muitos anos de espera, mas Deus mandou a glória".

